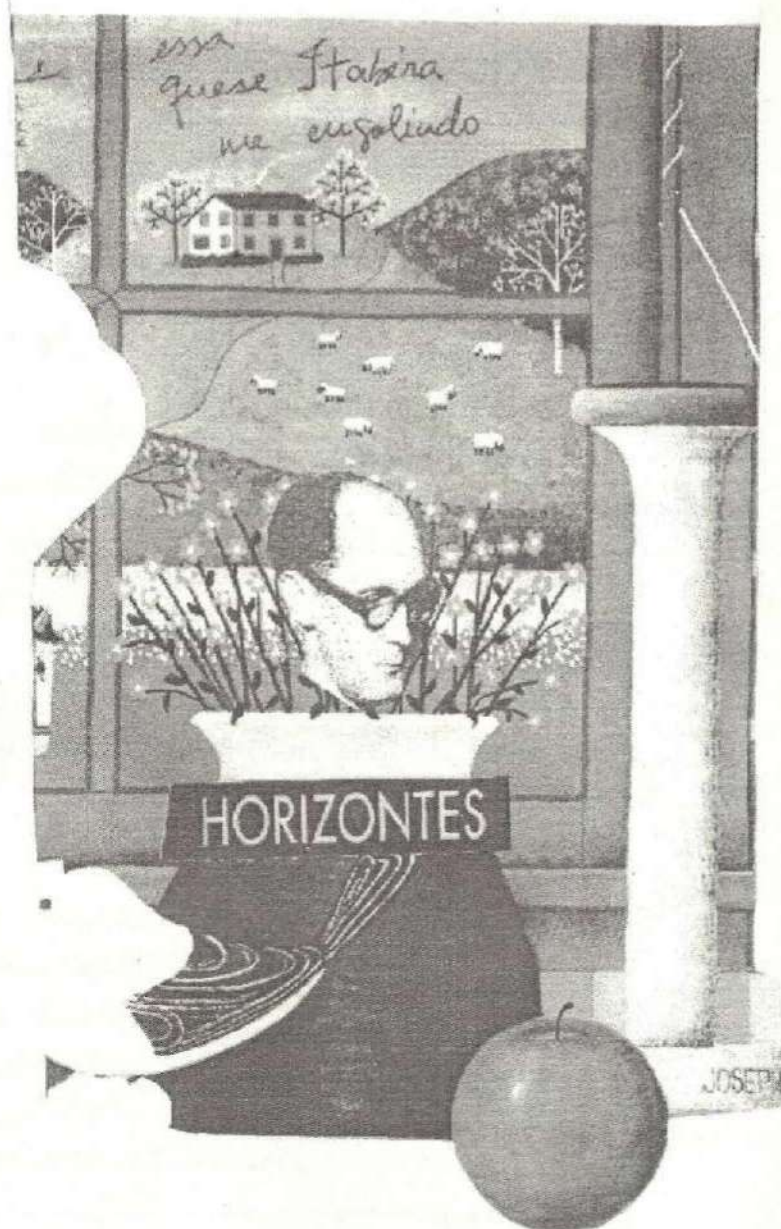


PALAVRAS PARA NÃO PASSAR EM BRANCO

Paulo Nunes

Local: Livraria Ovidio
R. Fernandes Tourinho, 253
Funcionários • Belo Horizonte • MG
Tel: (031) 221 7473



PALAVRAS PARA NÃO PASSAR EM BRANCO

Paulo Nunes¹

I: Encanto marcado

encontro estava marcado. Ali, naquela avenida movimentada do bairro de Nazaré: governador São Jerônimo José Malcher, 1600. Numa sala de aula do segundo ano, Josse, a professora, proferia algumas palavras. Mais tarde, ela e Ciro Pimenta puseram-se a pensar num trabalho que envolvesse poesia e música brasileira da contemporaneidade. Início da década de 80 do século XX. Ciro desistiu? Josse levou a sério e fundou, com seus alunos, o grupo Mãos Dadas, explícita homenagem ao poeta, além do desejo de aterrar de vez o regime ditatorial brasileiro que, então, começava a agonizar. Foi assim que conheci Carlos, dele não me separei jamais.

II: Influências: paródias: paro/ dia, canto ao lado de outro?

Não há como desconsiderar as influências. Todo 31 de outubro, a partir de certo momento, era por nós comemorado, poesias, músicas e bolo de aniversário (numa dessas festas, lemos a crônica escrita pelo João Carlos Pereira para o poeta de Sentimento do Mundo). Mas somos uns instisfeitos. E eu quis mais. Comecei a exercitar uns poeminhas bobos. Hoje, talvez a "coisa" tenha ficado um pouco mais grave, escrita mais solene. E não há como negar que bebi nas fontes drummonianas. Este poeminha, inédito ainda, explicita tudo. Eis a prova do crime:

¹ É professor da Unama; autor, junto com Josse Fares, de "Tear de Icamíabas", a sair pela editora Paka-Tatu. Doutorando em Letras.



Casas fazem sujeira.

Gente entre lixeiras.

Sujar

Sujar

Sujar.

Um homem põe-se a fuçar

Um cachorro põe-se a escavar

Baratas e ratos a festejar.

Devagar as janelas olham

O lixão que a cidade pariu.

Eta Belém suja, meu Deus!

Do grego, paródia é canto ao lado de outro. Há como equiparar meu canto provinciano ao do poeta que elevou a dimensão mineira às alturas universais?

III: Lição de louvores

Quando este artigo sair talvez já não seja mais 31 de outubro. Que pena! Que pena? Não. Não faz mal. Os relógios do coração são mais vibrantes que os da engrenagem metálica, não é mesmo?

Mas você, leitor que me é caro porque paciente, deve estar perguntando o que levou esse cara a louvar o 31 de outubro? Eu diria que 31 é um numeral simplesmente. Como outro qualquer. Mas os numerólogos poderão me contestar, e eu terei de dar razão a eles. Três mais um, quatro e quatro, na numerologia...

Bem, esta conversa precisa avançar sem cerimônias e rodeios. Nada de salamaleques e balacobacos sobre coisas perigosas como a relação dos números com a felicidade dos seres. *O mundo é tão pequeno e tão grande, não é mesmo, poeta? Nele (no mundo vastomundo) não cabem nem as minhas dores.* Assim, poeta, sabes melhor que qualquer um de nós, que tudo a partir de Einsten é relativo como as proporções de uma peteca comparadas a de uma tanajura, não é mesmo? *Mundo, vasto mundo, se me chamasse Raimundo seria uma rima...Solução?*



O homem, meu caro José, é uma surpresa, não achas? O homem é o maior labirinto de si mesmo, *mas que coisa é o homem/ que há sob o nome:/ uma geografia?* Não há criação que se esconda da imaginação desta criatura humana. Certamente, a vida sem as contradições da humanidade, seria tão sem graça quanto comer bombom sabor água, sem um nada de açúcar; como não poder mais roubar goiabas do quintal do vizinho brabo. E entre as invenções do homem está a própria reinvenção do mundo através da linguagem. E quando a linguagem é peçonhenta e acalentadora, fina mas grossa, ela abre as portas para o inimaginável: os sonhos que alçam vôos para lá dos sons. Desconfio, mas sem certezas absolutas, que o poeta faz poesia para a própria investigação do sentimento de humanidade. Não, o poeta é um chaveiro, aquele que nos abriga quando esquecemos da chave pelo lado de dentro da porta que o vento trancou. O poeta, muitas vezes, é o vento que tranca a porta. Este é o poeta. *Trouxeste a chave?*

Não, caro amigo, o poeta não é um bruxo. O poeta não é um *daimon*. O poeta é tudo sem nada ser. Por isso ele foi expulso por Platão da *polis*. O poeta não é perigoso, ele apenas inventou o perigo sem perigo correr. Por quê? Porque o poeta é cúmplice da linguagem que ele reinventou. Ele é faquir; ele é esperança que destrói as aparências para criar outras aparências, mais enevoadas, talvez. O poeta não é *persona* mas constrói-se máscaras diante do espelho da linguagem.

Poeta, não é verdade *que no princípio era o verbo?* Se o verbo se fez carne, o próprio Deus é um poeta magnânimo. Deus é o poeta cósmico, como o dizem os hebreus (eu e minhas manias teogônicas, sem teogonia?). Ele é sabedoria e subversão. Ah! eis aí a melhor indefinição para o poeta o subvertor. Aquele que desmancha construindo. Seria o poeta um alquimista? Mas, afinal, porque falo de deuses e de poetas se não sou teólogo nem crítico de literatura? E tu, Carlos, sei bem, és um agnóstico... Não me visto de certezas, só sei que a palavra se ergueu e lentamente metamorfoseou-se diante de meus olhos miopes. Só isto, mais nada.

Estou delirando? É provável. Mas tudo vale a pena porque existe na folhinha uma marca, que é o 31 de outubro. E só há um 31 de outubro no ano, não é mesmo? Por isso, eu e a Josse, mais os companheiros do internacionalmente desconhecido grupo lítero-musical Mãos Dadas, comemoramos, nos dez anos de nossa existência, esta data. E, para nós, ela vale mais que ouro. Vale? Assim, a gente pega carona nesta croniquinha para se unir a outras tantas



vozes do Brasil e de todos os países de língua portuguesa – e todas as outras línguas para onde foste trasladado - para louvar o adestrador de verbos que nasceu a 31 de outubro, em Itabira do Mato de Dentro, Minas Gerais,ilhado por montanhas e adubado de ferro, *90% de ferro nas almas*.

Por isso, leitor, e por mais uma porção de sentimentos que ele nos fez decantar, me uno – eu e uns tantos milhões - à voz do “maior-poeta-menor” Manuel Bandeira e repito:

“Louvo o Padre, louvo o Filho,
O Espírito Santo louvo.
Isto feito, louvo aquele (...)
Que é Carlos Drummond de Andrade...”

